

CARLOS AMARAL DIAS

O Que Move Carrilho...

A DEMISSÃO DE MANUEL MARIA CARRILHO do cargo de ministro da Cultura tem trazido a lume um conjunto de ditos e «revelações», que como por acaso só agora chegam à comunicação social. É caso para dizer que não haveria continentes para aqueles conteúdos, a não ser na sequência do acto e do pedido de demissão....

Porém, o mais interessante é a recusa activa, por parte de Carrilho, de uma atitude cinzentista, ou pior ainda, normopática. Efectivamente, num mundo em que conhecer um homem é conhecê-los a todos, mundo homogeneizado e deslavado pelo politicamente correcto, a postura do ex-ministro da Cultura deveria servir-nos de cuidadosa reflexão.

Nesta, o que se torna desde logo extraordinário é a teoria confusional, entre afirmação identitária, visão própria e o epíteto de «enfant terrible» do PS e do Governo. Miseráveis são os tempos que vivemos, se a

sexual de Bill Clinton, ninguém parece dar a devida importância ao refluxo mundial desta estratégia. Mas certamente que para o seriopata (grave forma de psicopatologia social «bem sucedida») os sinais pulsáteis do narcisismo de vida são perturbadores e inquietantes.

Este encontra os seus protagonistas em vários pontos do mundo, sendo a recusa ao silêncio marca do estilo.

Eis-nos assim, perante um ex-ministro que se afirma no lugar do Homem. António Guterres, diz compreender as razões pessoais da sua demissão. Carrilho afirma que os ministros não têm razões pessoais, mas razões políticas. Vários jornais afirmaram do seu desejo de retorno à Universidade. Carrilho responde: «Não pensem que vou abandonar a política, vou voltar à Universidade que não é nenhum convento, como alguns tentam fazer crer, e assumir o meu lugar como deputado.»



Num mundo em que conhecer um homem é conhecê-los a todos, a postura do ex-ministro da Cultura deveria servir-nos de reflexão

coragem de ser quem somos é percebida como subjeccção contestatária ou turbulência juvenil. O que esperamos afinal dos nossos governantes é um lugar vazio de identidade? Curiosamente, no irreduzível processo de globalização, explodem sadiamente as diferenças. Étnicas, linguísticas, culturais. Por estas, ficamos a saber o óbvio, embora este seja oficialmente reprimido, a saber, que um Homem como deve ser não é pura e simplesmente um Homem.

A conflitualidade subjacente a estas duas posturas, homogeneidade comportamental versus afirmação de individualidade, contém seguramente duas formas de narcisismo. O narcisismo de morte e o narcisismo de vida.

Pelo primeiro, procura-se a anulação das diferenças pela regularização extrema da postura pública. O que se promove não é a criatividade como coisa séria, mas a seriopatia como referência, e até, como metacognição do ser político. É curioso verificar que, apesar dos anúncios visíveis da inviabilidade do homicídio político por esta via, extremado, por exemplo, na questão

Curiosamente, nos intramuros partidários ninguém questiona a sua qualidade de gestor ou de politicamente desastroso na implementação das suas opções. De que o acusam de há cinco anos a esta parte faz parte do estilo e da personalidade. Ele é a pose, ele é a arrogância, a ambição, ou coisa ainda mais terrível, a vaidade.

Obviamente que tais acusações, têm como pano de fundo uma área mentirosa e invejosa da mente individual e colectiva que, ao confrontar-se com a diferença assumida, apenas se pode juntar ao coro das bruxas glosadas por Shakespeare.

Gostaria, para terminar, de dizer que não me move nenhum panegírico a Manuel Maria Carrilho. Mas, reconheço, gosto daqueles humanos que entram quando acham que sim e saem quando acham que não; é a condição humana no seu melhor que aí se encontra.

Há aí a fundamentação de uma ética individual e social que se sente compatível com o desejo da verdade. Mas não é preciso ser filósofo para se pensar e se viver assim. ■